

ela ao mesmo tempo que apontava para rosto de Jesus, e continuou: «Se ele tivesse me amado também!... Mas sou uma simples cigana! Aquele amor é somente por pessoas como você, não é por pessoas como eu!...» E chorou. «Este amor também é por você, Pepita!» Disse o pintor, e contou-lhe pela segunda vez, a paixão e morte de Jesus Cristo, mas dessa vez Domenico contou a história com o devido valor e amor.

Conversaram até o museu fechar. Agora, o artista escutava com alegria as perguntas da cigana e lhe dava todas as explicações pacientemente, porque o seu coração pertencia a Cristo. E uma de suas maiores alegrias, consistia em falar do amor divino, da morte expiatória de Jesus, da sua gloriosa ressurreição, da união que o amor de Deus promove entre os cristãos, e com ele próprio. A cigana escutou, compreendeu e acreditou que as palavras de Jesus: «Eu fiz tudo isso por você», também foram dirigidas a ela.

Dois anos depois, em um dia frio de inverno, com o vento gelado soprando pelas ruas de Düsseldorf, estava Domenico descansando em seu atelier depois do trabalho. sentado junto à lareira para se aquecer e começou a ler um livro. Porém, teve que interromper a leitura, porque alguém bateu à porta. Ao abri-la, se deparou com um desconhecido, que vestia um velho casaco de couro, tinha o cabelo escuro e longo que cobria parcialmente o rosto, e cujo, olhar agitado na direção da mesa onde havia comida, evidenciava fome, e então, transmitiu-me um recado:

«O senhor é o pintor...? Por favor me acompanhe, é urgente?» «Do que se trata?» Interrogou Domenico desconfiado. «Não sei exatamente, mas alguém que está morrendo, deseja falar com você.» «Sim, eu irei, mas antes alimente-se um pouco,» disse Domenico. O homem sussurrou um agradecimento e avançou na comida como uma fera. «Está mesmo com fome,» disse o pintor. «Sim, estamos quase todos morrendo de fome,» disse o homem. Comovido com aquela triste cena e as palavras, o pintor encheu uma sacola com alimentos e ofereceu. «Por favor, aceite estes mantimentos, é de coração!» «Muito obrigado», disse o homem, e acrescentou: «Vamos, depressa, não há tempo a perder!» Atravessaram rapidamente as ruas que conduziam à periferia da cidade, a paisagem estava gelada e mesmo com o caminho encoberto pela neve andavam depressa.

Finalmente, aproximaram-se de uma floresta onde havia um acampamento com algumas humildes barracas. «Por favor, entre», disse-lhe o homem apontando para uma das barracas e virando-se para um grupo de homens, mulheres e crianças que rapidamente os rodeou. Falavam entre eles uma língua diferente e ajuntavam-se cada vez mais ao redor da sacola com alimentos. Domenico entrou na barraca designada, e logo percebeu que não era coberta, pelo que a lua iluminava inteiramente aquele ambiente frio. Num leito pequeno, miserável e improvisado com folhas secas, estava uma jovem, de rosto magro e pálido.

«Pepita, Pepita!» Gritou Domenico ao vê-la, e ao som da sua voz, os olhos da cigana abriram-se, ainda belos e brilhantes. Um sorriso escapou dos lábios da jovem que estava doente, então, se apoiou sobre o cotovelo, e disse: «Sim, Ele veio também por mim. Estendeu-me as mãos ensanguentadas, e disse-me: Eu fiz tudo isso por você!» Domenico ficou triste ao ver o péssimo estado de saúde da jovem, mas ao mesmo tempo se alegrou com suas palavras. Despediram-se fraternalmente, e a alma de Pepita foi ao encontro do seu Criador. Anos depois, o pintor morreu e também foi ao encontro do Salvador Jesus.

Certo dia, um jovem membro da nobreza alemã, rico, generoso, influente, inteligente e com um futuro brilhante, estava a caminho de Paris e passou por Düsseldorf, com uma grande caravana e muita bagagem. Enquanto davam bebida e comida a seus cavalos, lembrou-se de aproveitar a ocasião para visitar o museu da cidade. No museu, a sua atenção foi imediatamente atraída pelo painel de Domenico Fetti. Leu e releu a legenda no rodapé do quadro, e não conseguia parar de meditar naquela frase. Parecia não poder mais sair de frente da tela, quase hipnotizado.

Aqueles dizeres penetraram profundamente no seu coração. O amor de Cristo encheu a sua alma. Sua vida foi transformada naquele instante. As horas passaram depressa e anoiteceu. O guarda do museu precisou tocá-lo para despertá-lo daquele êxtase, e trazê-lo de volta à realidade, e disse: «Precisamos fechar o museu». A noite caía, assim como também as lágrimas dos olhos do jovem aristocrata, cujo espírito sentia renascer à luz da aurora da vida eterna. Entrou na carruagem e regressou ao hotel, não para conti-

nuar a viagem até Paris, como havia planejado, mas para mudar a sua vida. Naquele momento, o jovem fidalgo, o Conde Zinzendorf, dedicou a Deus sua vida, sua fortuna e seu nome, dedicou-se Àquele que falou ao seu coração:

«Eu fiz tudo isso por você! O que você faz por mim?»

O Conde Zinzendorf (1700-1760), foi um célebre homem de Deus. Depois da experiência no museu, dedicou toda sua vida à causa de Jesus Cristo. Deixou suas responsabilidades na corte. Mudou-se da mansão para uma residência mais próxima às pessoas. Fundou a comunidade dos morávios, que deu origem ao movimento missionário dos séculos XVIII e XIX. Ofereceu suas terras para acolher cristãos perseguidos vindos de várias países da Europa. Consagrou seu patrimônio e seus recursos para a causa que consumia todo o seu ser. Embora, Zinzendorf, fosse um jovem rico, disse sim a Jesus, e eu lema era: «Tenho uma única paixão: Jesus, ele e somente ele». Anos depois, foi exilado e chegou a passar necessidade, junto com sua família. Sua paixão por Cristo influenciou gerações e sua comunidade, cujo lema era: «Conquistar para o Cordeiro que foi morto a recompensa dos seus sofrimentos.»

O quadro de Dominico Fetti (1589-1623) já não existe, a Galeria de Arte de Düsseldorf foi devorada por um incêndio há muitos anos. Mas cumpriu a sua missão, pois por muito tempo anunciou à humanidade, o Evangelho e a salvação em Jesus. Ou seja, executou a tarefa que o seu autor tinha sonhado ao pintá-lo. Assim Deus ouviu a oração de Domenico, permitindo-lhe exprimir com seus pincéis aquilo que o apóstolo Paulo já tinha expressado com sua pena: «...vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.» (Bíblia, carta aos Gálatas, cap. 2, verso 20b).

Caro amigo, você pode acrescentar: e por mim também!

«Eu fiz tudo isso por você! O que você faz por mim?»

# Pepita



Era princípio de primavera, as primeiras flores começavam a brotar precocemente, e essa inspirativa transição de estação aguçava os sentidos artísticos do pintor Domenico Fetti. Então, ele resolveu sair de Düsseldorf, na Alemanha, e foi caminhar nos arredores da cidade, munido com seu material de trabalho, à procura de belas paisagens para pintar.

Quando aproximava-se de uma floresta, encontrou uma jovem cigana fazendo cestas. Os seus belos cabelos escuros lhe emolduravam o rosto e caíam em cachos até à cintura. O vestido de forma elegante, porém simples, o que a tornava ainda mais original e pitoresca. Pensou o pintor: «Ficaria um belo quadro, mas quem pagaria pelo quadro de uma cigana?... Ninguém!» Em Düsseldorf, a comunidade dos ciganos era marginalizada, pois andavam em grupos, eram agressivos e praticavam ocultismo. A convivência com eles era considerada perigosa e pouco aconselhável. ▶

► Quando a jovem cigana viu o pintor aproximar-se, imediatamente parou o trabalho que estava fazendo. E de uma forma surpreendente e espontânea levantou-se e começou a dançar conforme sua cultura, estalando os dedos para marcar o ritmo. Tanta agilidade e graça encantaram o pintor. A jovem dançava sorridente e seus olhos brilhavam como diamantes.

«Por favor, pare nessa posição, não se mexa!» Pediu-lhe Domenico, e então, pegou seus pincéis e começou a pintá-la o mais depressa possível. Ele era rápido, mas a posição era incômoda para permanecer por muito tempo. Mas, conseguiu e finalmente suspirou aliviada e encantada com a obra de arte. Disse o pintor: «Você é belíssima e também uma excelente modelo, gostaria de pintá-la no projeto A Dançarina Espanhola.»

Então, convidou-a para que fosse à casa dele três vezes por semana posar de modelo e combinou com ela o valor do pagamento daquele trabalho. No dia da primeira sessão, Pepita não se cansava de olhar admirada todos os objetos do atelier do pintor. Chamavam-lhe a atenção as telas que se encontravam penduradas na parede ou montadas em cavaletes, mas também, lhe despertavam interesse todos os objetos que ornamentavam o ambiente: móveis, vasos, molduras, etc.

Ao se deparar com um grande painel de madeira, já quase terminado, representando a crucificação de Cristo, perguntou com voz trêmula, apontando para a figura central: «Quem é aquele homem no meio?» «É Cristo», respondeu ele com indiferença. «O que estão fazendo com ele?» «Estão crucificando-o», disse o pintor, e continuou: «Vamos trabalhar... por favor, vire-se um pouco para a direita, assim mesmo!» Domenico, com o pincel na mão, era hostil nas palavras. «Mas, quem são aqueles ao redor dele?» Insistiu a cigana. «Seus rostos transmitem crueldade.» Então, disse ele impaciente: «Por favor, não faça tantas perguntas, estamos perdendo tempo. Lembre-se que você foi contratada para posar, não para falar.»

A jovem não insistiu, mas continuou olhando extasiada o grande quadro. E a cada pequena pausa no trabalho, a cigana interessava-se ainda mais por aquele painel, que exercia sobre ela uma fascinação cada vez maior. De vez em quando aventurava-se a interrogar a Domenico, pois a curiosidade continuava a perturbá-la, mas ele lhe respondia sempre com frases curtas e

impacientes. «Por que o crucificam? Ele era muito mau?» Perguntou ela dias depois, e o pintor lhe disse: «Pelo contrário, ele era um homem maravilhoso!» A cigana ficou perplexa e pensativa com o que ouviu, e quase não conseguiu mais trabalhar naquele dia. Porém, guardava tudo o que Domenico lhe dizia sobre o quadro, e na sessão seguinte voltou a fazer-lhe perguntas. «Desculpe-me, mas pelo menos, diga-me por que o crucificaram, se ele era um bom homem? Ele foi castigado por pouco tempo e depois foi libertado?» «Escute, Pepita, foi porque...» Mas interrompeu o pensamento para arrumar algo na roupa da cigana.

«Então, porquê?...» Insistiu a jovem, com a respiração ofegante. Domenico voltou para o cavalete, constatou que estava tudo em ordem com o vestido, mas o rosto dela transmitia ansiedade e não estava como ele desejava, e lhe disse: «Pepita, vou contar tudo para você. Escute com atenção, e por favor, não me faça mais perguntas depois.» E contou-lhe detalhadamente a história da paixão e morte de Jesus. Uma história nova para a cigana, mas velha para o pintor; tão velha que o deixava indiferente, mesmo terminando a narrativa com as palavras: «Jesus morreu por todos os pecadores.»

Enquanto Domenico falou do Evangelho sem demonstrar sentimentos, Pepita comeu cada palavra emocionada. O painel de madeira sobre a paixão de Cristo e a tela da Bailarina ficaram prontos ao mesmo tempo. Porém, a jovem olhava o seu próprio quadro sem demonstrar interesse, mas extasiava-se contemplando Jesus Crucificado. O artista terminou a sua obra e a cigana nem percebeu, ele teve que despertá-la daquele estado de espírito, dizendo:

«Eis o seu merecido pagamento, é uma obra de arte bela e valiosa, você me deu muita sorte, o quadro A Dançarina Espanhola já foi vendido! Gostaria de poder continuar contando com seu trabalho de modelo, mas por enquanto, precisamos fazer uma pausa, pois não quero saturar o mercado de arte com o seu lindo rosto.» A jovem, lentamente, voltou-se para o artista e disse: «Muito obrigada. Mas diga-me, você deve amar muito aquele homem crucificado do painel, não é verdade, já que ele tanto sofreu por você?!...»

O rosto de Domenico ficou vermelho e o seu coração se abalou com as palavras da jovem cigana. Tentou disfarçar e apressou-se em enviar o qua-

dro da Dançarina ao comprador, mas a frase: «já que ele tanto sofreu por você», continuou ecoando na sua mente. Com o passar do tempo, estas palavras continuavam perturbando o coração do pintor. Era um tormento insuportável para Domenico, e na tentativa de encontrar alívio, procurou um Evangelista para conversar. O Evangelista constatou que Domenico acreditava em todas os ensinamentos da Palavra de Deus, então, juntos fizeram uma oração. Na despedida, o Evangelista tocou-lhe no ombro e disse: «Não fique aflito, você encontrará a paz...»

Domenico fez um bom desconto no preço do painel da crucificação e o vendeu. Durante alguns dias sentiu-se melhor, contudo, não demorou em ouvir novamente aquelas palavras ecoarem na sua mente o tempo todo: «Você deve amar muito àquele homem crucificado do painel, não é verdade, já que ele tanto sofreu por você?!...» E não conseguia se concentrar no trabalho, vivia angustiado e andava inquieto pelas ruas da cidade, procurando algo que nem ele mesmo sabia do que se tratava. Foi nessa procura incerta que conheceu coisas inteiramente novas para ele.

Certo dia, enquanto caminhava, observou um grupo de pessoas que se dirigia para uma casa humilde; viu depois outro grupo vindo de outra direção, entrar na mesma casa, e não parava de chegar pessoas... A curiosidade foi tanta, que resolveu entrar, e descobriu que se tratava de um encontro de cristãos que se reuniram ali para ouvir a mensagem de um Evangelista estrangeiro. «Seria um problema se aproximar de tais pessoas?» Pensou ele, todavia, alguma coisa o fez entrar e permanecer na casa, na expectativa de que talvez pudesse encontrar lá, a segurança e a paz que há tanto tempo procurava em vão. «Novas experiências são sempre bem-vindas», disse ele. Domenico prestou atenção à mensagem, e observou que o conferencista falava e se comportava como alguém que andava aqui neste mundo sempre ao lado de Cristo, e como se Jesus fosse tudo na sua vida.

Naquele dia, Domenico encontrou aquilo que tanto procurava mesmo sem saber, uma fé viva em Deus. Conversou com o Evangelista e este lhe emprestou um exemplar do Novo Testamento, livro raro e precioso naquela época, então, o pintor começou a ler o Evangelho todos os dias. Porém, pouco tempo depois, o Evangelista foi perseguido e expulso de Düsseldorf,

e teve que levar o Novo Testamento que emprestou ao pintor. Mas uma semente ficou plantada no coração do artista. Seus antigos temores e dúvidas já não mais atormentava sua alma, pois, conheceu a paz e o amor de Deus, e declarou:

«Jesus foi crucificado por mim, ele fez tudo isso pensando em mim. Como falarei aos outros deste amor eterno? Amor que mudou a minha vida e pode transformar outras. Jesus morreu por eles também, mas eles estão cegos, como eu estava. Como poderei transmitir esta boa notícia e maravilhosa salvação? O amor de Cristo alegrou o meu coração, mas não sei expressá-lo em palavras, pois não tenho o dom de falar.»

Enquanto Domenico pensava assim, pegou num pedaço de carvão e começou a desenhar uma cabeça coroada de espinhos; à medida que o desenho se tomava mais definido, os olhos do pintor se enchiam de lágrimas. Subitamente, ele teve uma grande idéia: «Posso pintar... sou um artista e o meu pincel proclamará o amor de Deus! No painel, eu só retratei no rosto de Jesus em sofrimento, não pintei o seu grandioso amor, nem sua infinita compaixão e não deixei transparecer o seu sacrifício voluntário.» Então, se ajoelhou e suplicou a Deus que lhe concedesse o dom de comunicar a verdade e o Evangelho através dos seus pincéis.

Deus ouviu sua oração, Domenico Fetti tornou-se um grande pintor e sua arte é admirada ainda hoje. A nova tela do Crucificado, era mais do que uma grande obra de arte, era a verdade. Domenico doou a tela à sua cidade natal e foi exposta no museu, onde todos os habitantes podiam apressiá-la. O impacto daquele quadro sobre as pessoas foi tão grande, que quando elas comtemplavam-no, ficavam visivelmente emocionadas e impactadas. Aquele quadro também era uma mensagem poderosa, e todos eram unânimes em dizer que enxergavam o amor de Deus através da pintura e repetiam a frase que estava no rodapé da tela:

«Eu fiz tudo isso por você! O que você faz por mim?» Domenico, também, costumava ir ao museu para ver sua obra e para observar a reação das pessoas. Um dia, notou entre os visitantes, uma jovem que chorava muito. Aproximou-se dela e perguntou se precisava de ajuda. Quando a jovem se virou, para sua surpresa, era Pepita. «Você?...» Soluçou